

DIFICULDADE NA LEITURA E NA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Josefa Natali da Silva¹
Josefa Silvana da Silva²

RESUMO

O presente estudo tem como aspecto propor a discussão sobre as dificuldades na leitura e na escrita nas turmas do ensino fundamental I, de forma mais específica, procura-se compreender a prática da escrita em sala de aula: uma visão do professor do 5º ano do ensino fundamental para, em seguida, identificar os fatores internos e externos que interferem nesse processo, e refletir sobre a educação básica na perspectiva do letramento, e por fim, compreender como a escrita auxilia para a formação de estudantes críticos reflexivos no ensino fundamental I. Defende-se também a hipótese de que as dificuldades sobre a leitura e a produção escrita é resultado de todo um caminho percorrido pelo estudante na vida escolar. Nessa concepção a escrita deve ser entendida como um instrumento no processo de aprendizagem significativa através de uma reflexão crítica e social. Neste sentido, o aluno tende a aprender de forma qualitativa, pois o processo torna-se mais dinâmico formando leitores e, sobretudo escritores ativos. Essa pesquisa fundamenta-se em Freire (1982, 1996, 2003), Kleimam (2008,2012,2014), Soares (2009,2011), Sisto (2000, 2001) e Vigostsky (1998), dentre outros que colaboram com a hipótese em questão. Ressalta-se em uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo que venha contribuir para professores em formação e/ou atuantes na educação básica, no ato de ler e escrever que está atrelado à natureza social da leitura e escrita e sua função comunicativa, construir elementos de combate à alienação e a ignorância, visto que a escola busca a formação de leitores críticos e atuantes.

Palavras-chaves: Leitura, Escrita, Dificuldades de Aprendizagem, instrumento, reflexão.

INTRODUÇÃO

O estudo tem por objetivo analisar o processo de dificuldades que por muitas vezes estão presentes no cotidiano escolar, na leitura e na escrita nos anos iniciais do ensino

¹Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Letras de Caruaru. Especialista em Psicopedagogia na Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras de Caruaru. Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Gama Filho. Doutoranda em Ciências da Educação pela Atenas CollegeUniversity. E-mail: lilamateus@hotmail.com

²Professora da rede pública municipal e estadual de ensino. Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Letras de Caruaru, Graduada em Matemática, na Faculdades Integradas da Vitoria de Santo Antônio – FAINTVISA. Especialista em Psicopedagogia na Faculdades Integradas da Vitoria de Santo Antônio – FAINTVISA. Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Gama Filho. Doutoranda em Ciências da Educação pela Atenas CollegeUniversity. E-mail: sylvanna-mateus@hotmail.com

fundamental I, que seja averiguada tais dificuldades no ensino-aprendizagem no conjunto escolar. Compreender, que é imprescindível trabalhar e refletir individualmente e coletivamente na investigação de solicitar reflexões em grupos, habituarem-se práticas pedagógicas às obrigações educacionais dos alunos, pois sabemos que essas práticas transformadas, caracterizadas, diversificadas e transformamos, o professor mediar e auxiliar seus alunos a superar tais dificuldades de leitura e escrita.

Assim possam ser ampliados novos métodos de atenção para que outras crianças não aconteçam esses mesmos problemas, que a escola deve oferecer soluções e cursos de desenvolvimento seguido aos professores, no ato de certificar os educadores, com o objetivo de não existir falhas no procedimento de ensino-aprendizagem, os pretextos que podem provocar alguns problemas de leitura e escrita é com certeza, a falha que sobrevém durante o processo de alfabetização.

Sendo assim, isso só acontece quando a escola a dota programas de ensino que não pode reprova o aluno que tenha dificuldade na leitura e escrita e os professores seguem com esse aluno da alfabetização até o terceiro ano do ensino fundamental, chegando ao terceiro ano repetem esse aluno com as mesmas dificuldades de aprendizagem, sem esta alfabetizado o aluno continua na mesma serie, não preparado suficientemente para intervir de maneira adequada nesse momento especial do indivíduo continua com dificuldades de aprendizagem na leitura e escritas.

Desse modo considera-se que a funcionalidade que atribui a escrita está atrelada a busca de conhecimentos significativos que compoem um conjunto de ideias e que originem informações que sejam capazes de possibilitar ao escritor o suporte necessario no habito de registrar e aprimorar-se de informações fundamentais a sua pratica. Com reflexões e entrosamento pelo assunto abordado, na busca de verificar soluções pedagógicas para as dificuldades encontradas de leitura e escrita no contexto escolar.

Desta forma o conhecimento prévio relacionado à escrita busca esclarecer e aplicar uma forma diferenciada de delimita em aprendizado partindo de suposições que a fragmentam facilitando o entendimento. Com uma abordagem metodológica é de natureza qualitativa, sendo desenvolvida através de pesquisa bibliográfica exploratória (livros, metodologia científica, dicionários, pesquisa em obras de diversos autores, revistas, jornais, etc.).

Nesse aspecto é importante considerar que os instrumentos que envolvem a escrita possibilitam concepções que são vivenciadas em funções de comunicação no texto, relacionando ainda a escrita e reescrita de uma maneira criativa. Porém, ao utilizar a fragmentação na escrita provoca-se dependência considerando que na realidade os fragmentos

servem para separar as partes dos difíceis processos de inter-relações legitimando as dificuldades de aplicabilidade de recursos no seu sentido amplo.

METODOLOGIA

Para realização do presente artigo necessitou-se a realização de pesquisa e estudos bibliográficos referente ao processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita nas turmas dos 5^a anos do ensino fundamental I, visando à promoção de uma formação crítica, reflexivas e autônoma dos saberes da leitura e escrita, bem como a interpretação textual.

O estudo dispõe de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, visto que propõe aos estudantes uma melhor formação dos conhecimentos da língua materna, a qual tende a contribuir para a construção dos saberes lingüísticos de maneira significativa e contextualizada, uma vez que toda forma de comunicação envolve a compreensão e conhecimento da leitura e escrita.

Disposto dos fundamentos teóricos acima já mencionado percebeu-se a importância de realizar uma base educacional para os estudantes que venha contemplar as areias da linguagem de forma contextualizada, fazendo assim, que o ensino da Língua Portuguesa proponha uma formação crítica, reflexiva e autônoma do estudante atuante na sociedade.

DESENVOLVIMENTO

DIFICULDADE NA LEITURA E NA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A concretização da leitura e escrita são duas atividades conectadas, difíceis, social, cultural e educativa. Esse método de leitura e escrita no contexto escolar deve ser desenvolvido gradativamente pelo professor na busca de ensinar os alunos a aproveitar da estrutura da língua adequadamente.

Segundo Soare, a palavra analfabetismo possui o prefixo de negação a, assim, a lógico seria pensar que a palavra mais correta para preencher essa demanda seria alfabetismo. O termo alfabetismo chegou a ser utilizado na literatura especializada, portanto verificamos

neste trecho escrito por Soares no ano de 1995 e que permanece na edição mais atual do livro “Alfabetização e Letramento”:

O surgimento do termo literacy (cujo significado é o mesmo de alfabetismo), nessa época, representou, certamente, uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra (SOARES, 2011, p. 29, grifos da autora).

Ao analisarmos esse livro percebe-se que, existe uma explicação da autora, nos esclarecendo que a palavra alfabetismo não criou raízes na literatura da área e foi, progressivamente, sendo substituída pelo termo letramento. Através dessa colocação da autora: “Após a publicação deste texto, em 1995, foi-se progressivamente revelando, na bibliografia, preferência pela palavra letramento [...] em relação à palavra alfabetismo (SOARES, 2011, p. 29, grifos da autora)”. Assim, o termo letramento vem gradativamente substituindo o termo alfabetismo, no entanto, ainda podemos encontrar na literatura de uma forma especializada.

Portanto com o termo letramento, a autora Kleiman (2008) argumenta que o conceito de letramento “[...] Começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o „impacto social da escrita“ dos estudos sobre a alfabetização, passando destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita (2008, p. 15, grifo da autora)”. Partindo da relação à etimologia do termo, podemos fazer referência à Soares (2009), pois a mesma expressa o senso comum do meio, afirmando que a palavra letramento é uma tradução termo inglês ,para as outras linguagens.

Deste modo o conhecimento da escrita não está direcionado a complexidade porque é a ideia de suposição, imaginação e criatividade que facilita a compreensão. Dessa maneira é importante saber que ao delimitar o conhecimento da escrita em fragmentos autônomos, provoca sua descontextualização, porque na atualidade os fragmentos separados representam partes complexas do conceito de inter-relações, sendo possível dessa maneira o distanciamento dos resultados que se deseja alcançar.

Portanto a sociedade nos dias de hoje vem passando por mudanças que contribuem no aprendizado das crianças, dentre essas mudanças está à televisão, vídeo, o cinema, o computador e outros mais, e assim, a criança ingressam na escola com certo grau de conhecimento, conhecimento este que às vezes está muito distante da realidade escolar. Diante disso, o professor tem o principal papel de mediador, propor na frente do educando

não como sabedor de tudo, mas sim ter um elo de comunicação entre ambos, para que a aprendizagem possa acontecer. Segundo Vigostsky (1998: 68):

A aprendizagem é o processo de internalização dos conteúdos historicamente construídos e socialmente disponíveis. Esse processo se torna possível pela mediação, visto que as funções do desenvolvimento humano se manifesta primeiro num plano social e depois individual.

A essência dessa aprendizagem vai depender de como houve a interação no processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, o professor tem que falar a mesma língua do aluno, facilitando o mesmo nas suas dificuldades de aprendizagem. Para que isso venha acontecer é preciso que haja comprometimento tanto de quem ensina quanto de quem aprende. É preciso oferecer um ambiente alfabetizador suprimindo as carências de nossas crianças, não desvalorizar os conhecimentos prévios dos mesmos, mas fazendo uma conexão entre o ensino sistematizado e as experiências vividas pelos alunos.

Nesse processo torna-se relevante salientar a construção da escrita, segundo o autor Martins (2003:45), onde salienta o início da aprendizagem da escrita e persistência das crianças em se tratando de tentativas, dando sentido da reprodução dos traços básicos da escrita com que elas se deparam no dia a dia. Nesse aspecto o que realmente importa é o desejo da criança acertar.

É de grande importância averiguar a representação de uma propriedade de objetos que pode conceituado através da escrita, a atribuição da escrita depende muito mais das correspondências existentes relacionadas ao objeto na relação com ao objeto das propriedades.

A criança usa a imaginação, e criam muitas ainda com relação à sonoridade considerando salientar que "Desse modo a relação entre escrita e linguagem é um caminho propenso a criança percorrer, para assim amadurecer a ideia de aprendizagem da escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Influência Na Leitura e na Escrita Nas Diferentes Situações Sociais

A leitura consistir em qualquer ato social, que oriente atualizar no nosso mundo juntos com oportunidades de desenvolver a leitura e escrita, afastar-se do momento em que

abancamos a envolver as primeiras letras e aceitarem o mundo que nos rodeia por meio da leitura. Avaliar, que a concretização de leitura de textos literários para as crianças, acorda os próprios anseios mais profundos, simples e abertos, como também, o empenho pelo aprendizado, pelo entrelaçamento, pelo mito, pela ampliação da linguagem consistir em oral ou escrita.

A alcançada leitura pelo pensamento, da capacidade criar, da demonstração de ideias, ajuda a colaborar amadurecimento pela leitura e pela escrita de forma sensível, oportunizando ocorrências expressivas, que as crianças sobrevivem à interação em ação alcançada de construção do conhecimento, autorizando assim, com aumento de atitude gradativa e qualitativa nos múltiplos contextos sociais. Em semelhança à estima o trabalho com a leitura, Aliende (2005).

Segundo a autora fala sobre a dificuldade de aprendizagem se manifesta em qualquer momento na vida do aluno. Dessa forma, passa a prioriza a tomada de iniciativa por parte do sistema educacional em se tratando de levar em considera todo aspecto histórico e cultural da criança ter relação com o campo de critérios que possam favorecer a criança com relação às dificuldades de aprendizagem em relação à escrita.

Nessa temática, sabe-se que no Brasil dificuldade de aprendizagem- escrita está atrelada à heterogeneidade de sintomas. O letramento é visto como um fenômeno mais amplo e que ultrapassa os domínios da escola por Kleiman (2008, p. 18). Segundo ela, “[...] passamos a definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que são usadas na escrita, como símbolos e tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Portanto o conceito da autora enfatiza os aspectos sociais que pode ser usado no letramento.

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizada ou não alfabetizada, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (KLEIMAN, 2008, p. 19).

Através das práticas específicas, autora se refere ao fato de que a escola, trabalhe na perspectiva do letramento, passando a enfatiza apenas algumas práticas ligadas à escrita e ao uso da escrita. Assim sendo, fora dos ambientes escolares outros usos e práticas ligados à escrita são vivenciados.

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) foi criado pelo Ministério da Educação, na década de 90, no intuito de verificar o nível de aprendizagem dos

alunos ao final dos ciclos de escolaridade, especializando neste documento nos fornece importantes informações relacionadas ao desenvolvimento da leitura e escrita, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP):

Ler é uma atividade complexa que faz amplas solicitações ao intelecto e às habilidades cognitivas superiores da mente: reconhecer, identificar, agrupar, associar, relacionar, generalizar, abstrair, comparar, deduzir, inferir, hierarquizar. Não está em pauta apenas a simples decodificação, mas a apreensão de informações explícitas e implícitas e de sentidos subjacentes, e a construção de sentidos que dependem de conhecimentos prévios a respeito da língua, dos gêneros, das práticas sociais de interação, dos estilos, das diversas formas de organização textual. [...] Os testes de Língua Portuguesa do Saeb, cujo foco é a leitura, têm por objetivo verificar se os alunos são capazes de apreender o texto como construção de conhecimento em diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação. A alternativa por esse foco parte da proposição de que, “ser competente no uso da língua significa saber interagir, por meio de textos, em qualquer situação de comunicação”. (INEP, 1997, p. 53)

Perante o exposto, verificamos iniciativas em prol do processo de aquisição da leitura e escrita que proporciona a verdadeira inserção do indivíduo na sociedade com relação ao desenvolvido competência citada, o Brasil apresenta ainda altos índices de alunos com dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita.

Assim, sabe-se ainda que as dificuldades na escrita envolvam resolução, tendo em vista a manifestação do fracasso escolar, caracterizado pela evasão escolar e repetência no contexto educativo (SISTO, 2001).

Nessa visão, e segundo o autor é importante considerar situações que comprometem o desenvolvimento e, sobretudo a aprendizagem da escrita, onde as dificuldades em tarefas cognitivas podem acontecer com alunos das mais diversas esferas. Nesse aspecto crianças tidas como normais, que apresentam normalidade visual, auditiva, motora que apresentam situação problema na comunicação, memória e atenção ainda dificuldades momentâneas em áreas específicas, são propensas a aprenderem e desenvolverem suas habilidades de acordo com suas limitações (SISTO, 2000).

No que diz o autor, a imagem gráfica das palavras mostra que a objetividade expressa, pôr propensa do que o som pode constituir ao universo da unidade da escrita com o passar dos tempos. Nessa concepção, os indivíduos em suas concepções visuais são claras e evidentes no aspecto de durabilidade que as concepções acústicas, priorizando a importância à imagem gráfica que se impõe à custa da sonorização.

O Processo de Construção da Escrita

Ao ingressar desde cedo na escola maternal ou no curso preparatório, os alunos tem, suas escritas que nos cercam familiaridades muito diferenciadas. Tudo leva a pensar aprendizagem é facilitada por uma familiarização prévia e os pais são tão mais vigilantes em relação a isso quanto mais alto seu nível de escolaridade. Se quisermos evitar o fracasso e propiciar a todas as condições favoráveis à iniciação na escrita, é preciso que se pense numa pedagogia de leitura que levem em consideração experiências culturais diferentes dos alunos e que não suponha já adquirido o que está apenas em vias de constituição (PRADO 1976, p.98).

Dessa maneira, desde cedo as crianças devem ser inseridas em todos os meios sociais, desenvolvendo sua curiosidade, ampliando sua suas competências, enriquecendo seus questionamentos em relação à escrita.

Para Freire, colocando-se como aprendiz da própria experiência chamando a atenção ao processo de ensinar e aprender, sugerindo refletir as formas de abordando com os professores, sugerindo para as discussões a importância de o aluno reconhecer-se como tal e, conseqüentemente, compreender sua tarefa no processo de aprendizagem:

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implicar reconhecer (FREIRE,2003, p. 47).

Assim sendo, requer a compreensão da sociedade em que se está inserido, no incentivo a permanente análise da estrutura social, política e econômica, a compreensão de todos na educação no contexto de crianças, adolescentes, jovens e adultos trabalhadores. Na expectativa por uma educação de qualidade, adquirindo a intencionalidade de uma educação democrática, séria, comprometida com as expectativas da educação popular.

Capacidade de permitir, antes da leitura da palavra, a leitura do mundo pelo reconhecimento crítico da realidade. Ler o mundo é segundo Paulo Freire, a possibilidade no processo de descobrimento, interpretação crítica e analítica das situações limites, partindo da percepção do indivíduo e da maneira como este aprendeu a se relacionar no mundo e com o mundo.

Os escritos enumeráveis em relação à escrita defendem uma temática voltada à organização que a criança aprende a partir do olhar em volta de si passando a reconhecer mensagens simples que podem se tornar apaixonantes no mundo da escrita. A linguagem literária mostra a sua importância essencial a escrita mostrando através de seus dicionários e gramáticas a conformidade do livro que é

ensinado na escola (ALBERT, 2000). Desse modo o aparecimento da língua mostrada de maneira regular através de códigos que é uma regra na escrita e ressalta à escrita uma importância essencial.

Portanto, Freire coloca:

Porque há também uma espécie assim de sabedoria de fazer a leitura, que você obtém fazendo a leitura... Isto é: você não ensina propriamente a ler, a não ser que a outra leia, mas o que você pode é testemunhar ao aluno como você lê e o seu testemunho é eminentemente pedagógico (FREIRE, 1982, p.8).

Percebe-se que ler não é uma atividade natural, para a que o aluno se capacita sozinho. Pois é, entre livros e leitores há importantes mediadores. Portanto o mediador mais importante é o professor, presença fundamental na história de cada um dos alunos.

Diante dos fatos é importante ressaltar que a questão do ato de aprender na escrita sendo relatado em duas questões que determinam a amplitude de situações que favoreçam a discussão em se tratando da aprendizagem e possivelmente a escrita. Desse modo a dificuldade de aprendizagem e o diagnóstico precoce ajudam a embasar a discussão de forma compreensiva (VINSONHALER, 1982).

Nessa proposta é importante considerar que a escrita inclui uma tomada de atitudes relacionada ao que vai ser escrito no que diz as letras em aplicabilidade. Desse modo considera-se que os fonemas tomam a posição de unidades sonoras fundamentais a linguagem que tem o objetivo de apresentar significados. Sendo assim, vale salientar que não a encerram já que alguns grupos fonéticos estão vinculados a regras de pronúncia que a língua possibilita não expressas nas regras de mudanças nos fonemas grafemas. (SISTO, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como finalidade analisar o valor da leitura e escrita na ampliação dos alunos, alcançando a ler e escrever não constitui exclusivamente codificar códigos, distinguir as aperfeiçoas das palavras e arquivar todas as letras do alfabeto, como igualmente, não é exclusivamente dispor palavras para desenvolver a escrita em uma folha de papel. Porque o ato de ler é extremamente mais respeitável do que se imagina, bem com o ato de ler, abrangem os múltiplos horizontes, as mais diferentes culturas sociais na busca de conhecimentos qualitativos, críticos, livres, reflexivos e, especialmente desenvolvidos.

Normalmente, a criança aprende a verificar o que acontece no cotidiano, no ambiente escolar, quando a escrita é vista como uma prática social pelos professores. Cabe a escola, portanto, fornecer um caminho para desenvolver a escrita do educando. Pois, não podemos que tanto a escrita quanto à leitura são “atos individuais, voluntários e interiores”, pertencente a cada indivíduo. Dessa maneira o campo das dificuldades dos alunos com relação à escrita é bastante amplo em decorrência ao seu comprometimento no que diz respeito à falta de interesse de alguns alunos. .

Nessa concepção o presente estudo procura propiciar aos professores, alunos, pais e escola uma nova concepção sobre o diagnóstico onde apresentam crianças com comprometimento no ato de ler e escrever, adquirido para fora da situação escolar, construindo propostas e solução para problemas de diferentes naturezas com os quais defronta na realidade da vida do aluno com limitações na aprendizagem e, sobretudo no ato de ler e escrever.

Nesta perspectiva, considera-se que a prática da leitura e, sobretudo da escrita na escola, seja uma prática contínua. O professor, por sua vez, precisa ajudar o aluno a descobrir situações significativas que desenvolva a escrita.

Há uma grande dificuldade na associação, na qual as pessoas cometam o hábito da leitura, na busca de consistir em cidadãos críticos, independentes e, sobretudo leitores, onde a prática de ler e escrever sejam ampliados gradativo. Decompor, que a prática educadora tem que ser alcançada de atitude mais envolvida com as obrigações e os diferentes fatos dos alunos, tem como métodos concretos e eficazes para que os alunos não sejam atrasados em sua compreensão de mundo, civilização, coletividade e homem, procurando assim, um avanço na qualidade da educação, buscando de fato, desenvolver os alunos para serem leitores adequados e até mesmo autores, que seja capaz de compreender realmente a sociedade em que estão implantados pelo meio da leitura e da escrita.

Este trabalho pode contribuir e promover reflexões no sentido de levar o professor, que exerce um papel fundamental na transmissão do saber, a mudar suas atividades para um ensino melhor e, para isso é preciso que compreendam as características dos processos de ensino e de aprendizagem no contexto educacional trabalhando suas ações pedagógicas possam facilitar o desenvolvimento dos que participam do processo educativo.

REFERÊNCIAS

ALIENDE, F. (Org.). **A leitura: Teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BRASIL. MEC. PDE: **Plano de Desenvolvimento da Educação**: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC.

SEB; INEP, 1997. **acionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1997. **Características de leitura de especialistas em deficiência de aprendizagem e professores em sala de aula**. Michigan: Instituto de Pesquisa sobre Ensino, Faculdade de Educação, 1982.

FREIRE, P. **A importância ao ato de ler** em três artigos que se completam 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____ **Família e escola: Em busca da formação do leitor**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____ **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, A. B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

SANTOS, P, **Da Fala Para a Escrita**. 4º edição. Cortez, São Paulo, 2002.

SANTOS, W. L. P. **Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36, p. 474-550, 2007. Disponível em: . Acesso em: 18 jan. 2018.

SISTO. B, **O Texto na Sala de Aula**. 1º edição. Rio de Janeiro, 2000.

SOARES, M. “**Alfabetização e letramento**”. **Caderno do Professor**. Belo Horizonte, SEE/ MG Centro de Referência do Professor. 2004, n. 12, pp. 6-11.

_____ **As muitas facetas da alfabetização**. IN: Alfabetização e letramento. 5ª ed São Paulo: contexto, 2007.

_____ **Letramento e Escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2004. 287 p.

VINSONHALER, J. F. **Diagnosticando crianças com problemas educacionais**: Martins, M. & Niza, I. (1998). Psicologia da Aprendizagem da Linguagem Escrita. Lisboa: Universidade Aberta.

VYGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____ **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.